



A Santa Sé

CELEBRAÇÃO PENITENCIAL

"24 HORAS PARA O SENHOR"

HOMILIA DO PAPA FRANCISCO

*Paróquia de Santa Maria das Graças, no Triunfal
Sexta-feira, 17 de março de 2023*

[Multimídia]

«Tudo quanto para mim era ganho, isso mesmo considerei perda por causa de Cristo» (*Flp 3, 7*): afirma São Paulo na primeira Leitura que ouvimos. E se nos perguntarmos quais são as coisas que ele deixou de considerar fundamentais na sua vida, feliz até por as perder para encontrar Cristo, apercebemo-nos de que não se trata de realidades materiais, mas de «riquezas religiosas». É assim mesmo: era um homem devoto, um homem zeloso, um fariseu fiel e observante (cf. 3, 5-6). E no entanto estes hábitos religiosos, que podiam constituir um mérito, uma ostentação, uma riqueza sacra, na realidade eram um impedimento para ele. E então Paulo declara: «Tudo perdi e considero esterco, a fim de ganhar a Cristo» (3, 8). Tudo aquilo que lhe dera um certo prestígio, uma certa fama «deixa cair... para mim, Cristo é mais importante».

Quem se sente demasiado rico de si e da sua probidade religiosa presume-se justo e melhor do que os outros – quantas vezes acontece isto na paróquia: «eu sou da Ação Católica, eu vou ajudar o padre, eu faço o peditório..., eu, eu, eu»; quantas vezes sucede crer que se é melhor do que os outros; cada qual, no seu coração, pense se já alguma vez lhe aconteceu isto – quem assim procede, contenta-se em salvar as aparências; considera-se satisfeito, mas assim não pode dar lugar a Deus, porque não sente necessidade d'Ele. E tantas vezes os «católicos impecáveis», aqueles que se sentem justos, porque vão à paróquia, porque vão à missa no domingo e gabam-se de ser justos: «Não, eu não preciso de nada; o Senhor salvou-me». Que sucedeu? Que ocupou o lugar de Deus com o próprio «eu» e então, ainda que recite orações e

realize atos de piedade, verdadeiramente não dialoga com o Senhor. São monólogos que faz, não há diálogo, nem oração. Por isso, a Escritura recorda que apenas «a oração do humilde chegará às nuvens» (*Sir* 35, 17), porque só quem é pobre em espírito, quem se sente necessitado de salvação e mendicante da graça se apresenta diante de Deus sem exhibir méritos, nem pretensões ou presunções: não tem nada e, por isso, encontra tudo, porque encontra o Senhor.

Jesus dá-nos este ensinamento na parábola que ouvimos (cf. *Lc* 18, 9-14). É o caso de dois homens, um fariseu e um publicano; ambos vão ao templo para rezar, mas só um chega ao coração de Deus. Mais do que os gestos que fazem, fala a sua postura física: o Evangelho diz que o fariseu rezava «de pé» (18, 11), com frente altiva, enquanto o publicano, «mantendo-se à distância, nem sequer ousava levantar os olhos ao céu» (18, 13), por vergonha. Reflitamos por momentos sobre estas duas posturas.

O fariseu está de pé. Está seguro de si, apumado e triunfante como alguém que deve ser admirado pela sua probidade, como um modelo. Nesta atitude, reza a Deus, mas na realidade celebra-se a si mesmo: eu frequento o templo, eu observo os preceitos, eu dou esmolas... Formalmente, a sua oração é impecável, exteriormente vê-se um homem piedoso e devoto, mas, em vez de se abrir a Deus levando-Lhe a verdade do coração, esconde hipocritamente as suas fraquezas. E quantas vezes fazemos a maquilhagem à nossa vida. Este fariseu não espera a salvação do Senhor como um dom, mas pretende-a quase como um prémio pelos seus méritos. «Fiz os deveres, agora dá-me o prémio». Este homem avança sem hesitação até ao altar de Deus – com frente altiva – para ocupar o seu lugar, na primeira fila, mas acaba por ir longe demais e colocar-se à frente de Deus!

Ao contrário o outro, *o publicano mantém-se à distância.* Não procura abrir caminho; fica ao fundo. Mas é precisamente esta distância, expressão do seu ser de pecador face à santidade de Deus, que lhe permite experimentar o abraço bendito e misericordioso do Pai. Deus pode alcançá-lo, precisamente porque aquele homem Lhe deixou espaço, permanecendo à distância. Não fala de si próprio, fala a pedir perdão, fala com o olhar em Deus. Oh como isto é verdade também nas nossas relações familiares, sociais e eclesiais! Há verdadeiro diálogo, quando sabemos preservar um espaço entre nós e os outros, um espaço salutar que permite a cada um respirar sem ser absorvido ou aniquilado. Então aquele diálogo, aquele encontro pode encurtar a distância e criar proximidade. É assim que sucede também na vida daquele publicano. Detendo-se ao fundo do templo, reconhece-se verdadeiramente como é, pecador, diante de Deus: distante, e assim permite que Deus Se aproxime dele.

Irmãos, irmãs, lembremo-nos disto: o Senhor vem a nós, quando nos distanciamos do nosso eu presunçoso. Pensemos: «Eu sou presunçoso? Creio-me melhor do que os outros? Olho para alguém com um pouco de desprezo? «Eu Te agradeço, Senhor, porque me salvaste e não sou como esta gente que não percebe nada; eu vou à igreja, vou à Missa; eu sou casado, casado

pela Igreja, estes são divorciados pecadores...»: o teu coração é assim? Vais para o inferno. Para se aproximar de Deus, é preciso dizer ao Senhor: «Eu sou o primeiro dos pecadores, e se não caí numa imundície maior é porque a tua misericórdia me tomou pela mão. Graças a Ti, Senhor, estou vivo; graças a Ti, Senhor, não me destruí com o pecado». Deus pode encurtar as distâncias connosco quando, com honestidade e sem fingimento, Lhe trazemos a nossa fragilidade. Estende a mão para nos levantar, quando nos apercebemos de «tocar o fundo» e entregamo-nos a Ele na sinceridade do coração. Deus é assim: espera-nos lá *ao fundo*, porque, em Jesus, Ele quis «descer até ao fundo», porque não tem medo de descer dentro dos abismos em que caímos, tocar as feridas da nossa carne, acolher a nossa pobreza, acolher os fracassos da vida, os erros que cometemos por fraqueza ou negligência... e todos nós os cometemos. Deus espera-nos lá, no fundo, espera-nos especialmente quando vamos, com grande humildade, pedir perdão no sacramento da Confissão, como faremos hoje. Ele espera-nos lá.

Irmãos e irmãs, façamos hoje – cada um de nós – um exame de consciência, porque tanto o fariseu como o publicano habitam dentro de nós. Não nos escondamos atrás da hipocrisia das aparências, mas entreguemos confiadamente à misericórdia do Senhor as nossas opacidades, os nossos erros. Pensemos nos nossos erros, nas nossas misérias, mesmo aquelas que por vergonha não somos capazes de partilhar, e está bem, mas a Deus devem-se mostrar. Quando nos confessamos, colocamo-nos ao fundo como o publicano, para reconhecermos, também nós, a distância que nos separa entre aquilo que Deus sonhou para a nossa vida e o que realmente somos no dia a dia: pobres miseráveis. E, naquele momento, o Senhor aproxima-Se, encurta as distâncias e põe-nos de pé; naquele momento, enquanto nos reconhecemos despidos, Ele reveste-nos com o traje da festa. Isto é, e deve ser, o sacramento da Reconciliação: um encontro de festa, que cura o coração e nos deixa a paz dentro; não um tribunal humano que mete medo, mas um abraço divino pelo qual somos consolados.

Uma das coisas mais belas do modo como Deus nos acolhe é a ternura do abraço que nos dá. Ao lermos quando o filho pródigo volta para casa (cf. *Lc 15, 20-22*), vemos que ele começa o discurso, mas o pai não o deixa falar, abraça-o e ele não consegue falar. O abraço misericordioso. E aqui dirijo-me aos meus irmãos confessores: por favor, irmãos, perdoai *tudo*, perdoai *sempre*, sem esquadrihar demasiado nas consciências; deixai que as pessoas digam as suas coisas e vós recebei isso como Jesus, com a carícia do vosso olhar, com o silêncio da vossa compreensão. Por favor, o sacramento da Confissão não é para torturar, mas para dar paz. Perdoai *tudo*, como Deus perdoará tudo a vós. Tudo, tudo, tudo.

Neste tempo quaresmal, com o coração contrito, sussurremos também nós como o publicano: «Ó Deus, tem piedade de mim, que sou pecador» (18, 13). Façamo-lo juntos: *Ó Deus, tem piedade de mim, que sou pecador*. Ó Deus, quando me esqueço de Ti ou Te transcuro, quando antepoño as minhas palavras e as do mundo à tua Palavra, quando presumo ser justo e desprezo os outros, quando murmuro dos outros, *ó Deus, tem piedade de mim, que sou pecador*. Quando não cuido de quem está ao meu lado, quando me mostro indiferente a quem é pobre e atribulado,

frágil ou marginalizado, *ó Deus, tende piedade de mim, que sou pecador*. Pelos pecados contra a vida, pelo mau testemunho que mancha o belo rosto da Mãe Igreja, pelos pecados contra a criação, *ó Deus, tende piedade de mim, que sou pecador*. Pelas minhas falsidades, as minhas desonestidades, a minha falta de transparência e integridade, *ó Deus, tem piedade de mim, que sou pecador*. Pelos meus pecados ocultos, aqueles que ninguém conhece, pelo mal que – mesmo sem me dar conta – fiz aos outros, pelo bem que poderia ter feito e não fiz, *ó Deus, tende piedade de mim, que sou pecador*.

Em silêncio por alguns momentos continuemos a repetir de coração arrependido e confiante: *ó Deus, tem piedade de mim, que sou pecador*. Em silêncio. Cada um repita no seu coração: *Ó Deus, tem piedade de mim, que sou pecador*. E, neste ato de arrependimento e confiança, abriremos-nos à alegria do dom maior: a misericórdia de Deus.